

Insegurança

O campo morrendo de medo

Brasil. Os crimes comuns estão dominando todas as regiões, com assaltos a propriedades rurais, roubos de animais e objetos

por Rogério Moraes

De norte a sul, leste a oeste, litoral ou interior, a insegurança reina nas propriedades rurais do Brasil. Se nas cidades, onde a mídia em geral está presente denunciando fatos e cobrando ações das autoridades, os sequestros relâmpagos, assaltos à mão armada, invasões de domicílios e roubos fogem do controle policial, imagine no campo, onde o braço da polícia é curto ou inexistente nos momentos mais dramáticos.

São vastos os casos apurados pelo AgroValor, muitos sequer registrados em Boletim de Ocorrência - BO - das delegacias. A maioria ou uma grande quantidade nem chega ao conhecimento do público em geral, devido às dificuldades das coberturas jornalísticas ou das vítimas que preferem não levar o caso à frente. Agora imagine quando se tratam de estrangeiros, pessoas que não se expressam na língua nacional e não têm convívio social local ainda, nem tampouco parentes a lhe socorrerem.

De acordo com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), dados de um estudo de 2010 (Observatório das Inseguranças Jurídicas no Campo), somente nos quatro primeiros estados brasileiros analisados (Pará, Bahia, Maranhão e Mato Grosso) são 241 processos de reintegração de posse de terra, sendo que mais da metade das decisões judiciais não foi cumprida. Mato Grosso, com 117 processos e Pará com 93 ações, lideram os casos.

Argumentos

O problema é que a violência no meio rural brasileiro está sendo analisada pelo viés político. As recentes mortes de lideranças rurais na região Norte e até a aprovação do novo Código Florestal na Câmara dos Deputados estão sendo usadas na análise do aumento da criminalidade.

Para a ex-senadora Marina



Alerta. Propriedades rurais viraram alvo de assaltos, devido à falta de segurança que há no meio campestre

Silva, "a impunidade coloca os agricultores numa situação de vulnerabilidade, uma vez que, ao denunciarem a situação no campo, viram alvos a ser eliminados". Para a Pastoral da Terra, os assassinatos no Pará estão ligados à discussão do Código Florestal. E a Presidente da CNA, senadora Kátia Abreu, diz que "Isso é oportunismo. É querer usar uma situação trágica, que é inaceitável para todos nós, e culpar uma lei ambiental ou um Código Florestal".

Para Kátia, "a violência no campo é resultado de invasões de propriedades privadas". A CNA já pediu ao Ministério da Justiça um plano de combate às invasões de terra para conter a violência no campo e a reintegração de posse conforme as decisões judiciais, "mas nada foi feito", salienta.

Crimes comuns

Divergências políticas à parte, as autoridades e a sociedade em geral precisam se mobilizar contra a violência generalizada no meio rural. Os crimes comuns estão dominando todas as regiões, com assaltos à residências, roubos de animais e objetos. Os crimes com aspecto político, quando envolvem lideranças comunitárias, são contabilizados. Conforme a Comissão Pastoral da Terra (CPT), existe uma relação com os nomes de 1.855 pessoas ameaçadas de morte nos últimos 10 anos por cau-

sa de conflitos no campo.

Desse total, 42 foram assassinados e 30 sofreram tentativas de homicídio, de 2000 para cá. Falta, portanto, contar os casos de roubos de bens privados nas fazendas, em todas as regiões, que inviabilizam os projetos por conta dos prejuízos e do temor que toma conta dos investidores, inclusive estrangeiros.

O custo Brasil

Para os economistas, o "custo Brasil" na área de segurança já está afastando o investidor. Portanto, não adianta somente ofertar créditos, qualificar mão de obra, levar os serviços de infraestrutura às localidades mais distantes, porque a violência no meio rural hoje é o maior problema para o desenvolvimento do campo. Dependendo do estado, a própria autoridade policial reconhece a impossibilidade de garantir a integridade física de uma família ou de seu patrimônio.

Para o investidor de outro país, a cultura Brasil de "defesa" contra os ladrões não é natural, ou melhor, totalmente fora de qualquer civilização, um cidadão comum enfrentar homens perversos, bandidos sanguinários, ladrões audaciosos. A atitude mais adequada é retornar ao seu país de origem, "morrendo de medo", deixando para trás milhões de investimentos aplicados na intenção de gerar negócios.

Agrotecnologia

João Pratagil

Doutor em Agronomia, Pesquisador da Embrapa Agroindústria Tropical



Abacaxi: cultivares resistentes à fusariose



Cultivar BRS Imperial

A fusariose do abacaxizeiro, causada pelo fungo *Fusarium subglutinans*, vem há anos onerando os custos de produção de abacaxi, e em muitos casos, inviabilizando a sua produção em algumas áreas do país. Ela ocasiona perdas superiores a 80% da produção. A redução da produção brasileira de abacaxi é estimada em 30%. (Embrapa Mandioca e Fruticultura).

O caso da inviabilização da produção e exportação do abacaxi no Ceará pela fusariose ratifica essas perdas. Em 2002 o estado contava com 26 hectares plantados. A partir de 2005, com a entrada da multinacional Delmont, a área plantada com abacaxi, irrigada, cresceu, atingindo em 2008, 1556 hectares, sendo 1400 hectares da Delmont, no município de Limoeiro do Norte. As exportações de 2008 foram de US\$ 14.324.682,00, caindo em 2009 para US\$ 8.363.503,00 (redução de 41,67%) e em 2010 para US\$ 108.337,00 (redução de 98,7%). (ADECE, 2011).

Soluções para esse grave problema estão sendo produzidas por pesquisadores da Embrapa Mandioca e Fruticultura e do Instituto Agronômico de Campinas -

IAC, e disponibilizadas para comercialização.

A Embrapa Mandioca e Fruticultura Tropical desenvolveu os híbridos BRS Imperial (Perolera x Smooth Cayenne), BRS Vitória (Primavera x Smooth Cayenne) - ambos indicados para as principais regiões produtoras do Brasil e o BRS Ajubá (Perolera x Smooth Cayenne) - indicado para regiões mais frias, especialmente o Vale do Rio Uruguai, no noroeste do Rio Grande do Sul.

O IAC desenvolveu a cultivar IAC Fantástico (Tapiracanga x Smooth Cayenne), indicado para os Estados de São Paulo, Tocantins, entre outros com agroecologia favorável.

Além da resistência à fusariose, não apresentam espinhos nas folhas e possuem elevada produtividade e qualidade dos frutos para o consumo *in natura* e para industrialização. A não utilização de fungicidas reduz os custos de produção, a poluição ambiental e aumenta a segurança e a qualidade dos frutos.

Informações adicionais: www.cnpmf.embrapa.br sac.snt@embrapa.br <http://www.iac.br/>